

Ignorância

Este texto pode ser considerado como uma introdução ao método analítico geral a partir da análise de um conceito. Nele iremos aplicar duas ferramentas analíticas, a modelagem dialética, que é a modelagem de conceitos através de estruturas (chamadas de bases dialéticas), e a lógica que se trata da análise propriamente dita e cuja razão do discurso será avaliada.

O que é entender? Como a modelagem ajuda neste processo? Entender é um fenômeno da consciência. Ao entender conseguimos imaginar, conseguimos prever, conseguimos usar um conceito, pois ao entender construímos algo dentro de nossa mente. A modelagem dialética assim como qualquer modelagem é um catalizador para este fenômeno. A estratégia é descrever o conceito em cima de um modelo, uma estrutura, de forma que suas propriedades possam ser imaginadas e acessadas através da linguagem. A lógica por sua vez tem a responsabilidade de analisar o sentido, a razão, separar a verdade da pura imaginação e eliminar contradições.

O primeiro passo para superar um mau comportamento é ter consciência do mesmo, portanto a escolha deste conceito parece ser um caminho natural para quem quiser se tornar adepto da escola analítica. Se você deseja superar a sua ignorância, você deve se tornar consciente dela.

[**Definição**] A definição de um conceito é a expressão do mesmo através de uma linguagem.

$$\text{Conceito} < (\text{Nome}, \text{Definição}) \sim (\text{Forma}, \text{Conteúdo})$$

A base dialética que podemos considerar a mais fundamental é a dialética que nos permite enxergar as entidades em uma forma acessível, encapsulando um significado em um nome (Forma, Conteúdo), vamos chamar aqui de dialética topológica. Este é o conceito de objeto, ele tem uma forma acessível, ele tem propriedades e ele tem individualidade. Aplicamos isso ao conceito de conceito e chegamos a definição de definição. É uma boa prática intelectual não usar aquilo que se quer demonstrar ou construir, porém existem questões cuja sua natureza torna essa prática impossível. Quando falamos sobre lógica e sobre a consciência humana, não podemos simplesmente deixar de usar a lógica e deixar de usar a mente.

O que é entender um conceito? Entender é ter consciência de um conceito. O que é ter consciência de um conceito? O que é ter consciência? Para responder questões abstratas vamos espacializar o conceito, vamos projetar as entidades abstratas como se elas fossem objetos em um espaço tridimensional, isso nos permite utilizar a intuição natural (adquirida pela nossa experiência como ser humano). Mentalizar os conceitos como objetos é uma espacialização, modelagem é espacialização, assim como modelagem dialética é uma espacialização. Nós temos consciência do espaço e tempo, nosso cérebro é adaptado para tal, espacializar é aproveitar essa consciência para entender sobre assuntos que ainda não temos consciência.

[**Caminho Natural**] O caminho natural das ideias é o esforço intelectual de expressar algo que ainda não temos consciência através de algo que já temos consciência.

Espacializar é um exemplo de caminho natural, pois estamos usando a consciência que já temos do tempo e do espaço para modelar algo que ainda não temos consciência.

No caminho natural, o ideal é que não existam saltos, que não existam etapas obscuras à mente, etapas que não temos ou não podemos ter consciência. Expressar as ideias desta forma é um valor essencial da *Escola Analítica*, que difere do *Esoterismo* e da *Religião*, cujo método consiste na doutrinação, na aceitação

de dogmas. Embora seja impossível criar uma teoria sem que exija a aceitação de teses obscuras, teses não demonstráveis, pelo menos é importante ressaltar quais são estas teses. Se não é possível eliminar os saltos, que os saltos sejam os menores possíveis.

Na escola analítica o caminho tem maior peso que o conteúdo, análise é apreciar o caminho, para um adepto da escola analítica, um dogma não tem valor se não tem uma explicação, mesmo que seja verdadeiro. A escola analítica difere do empirismo neste sentido, um fenômeno pode ser bem descrito e fundamentado, pode ser possível reproduzir experimentalmente, porém se não tem uma explicação ela tem pouco valor para escola analítica.

[**Indução**] É o menor salto para criação de um conceito.

[**Conceito Transcendental**] Conceito transcendental é um conceito expresso através de conceitos anteriores, porém com a necessidade da aceitação de um passo indutivo.

É importante frisar que um passo indutivo é um conceito ideal, não tem como demonstrar que aquele é o menor passo, na maioria das vezes requer uma aceitação subjetiva de que este passo é o menor possível.

O infinito é um conceito transcendental mais natural, podemos imaginar finitos objetos, portanto temos maior consciência do finito que do infinito. Como podemos expressar o infinito através do finito? Imagine objetos como se fossem esferas perfeitas, é fácil imaginar um objeto, também é fácil imaginar dois objetos, é um pouco mais difícil imaginar três objetos se eles estiverem se movendo de maneira independente, podemos imaginar quatro objetos estáticos, uma dúzia de objetos começa a sobrecarregar a nossa mente, assim a consciência do finito também tem um caminho natural. O infinito pode ser definido como um processo interminável em que você imagina uma pessoa adicionando o objetos, o salto está em assumir a consciência do processo interminável, cuja essência entrelaça com a noção de infinito. Percebe que não explicamos nada, apenas mudamos o conceito de roupa.

Nós não temos verdadeiras experiências com o infinito, todas as experiências humanas são finitas, até a vida é finita, mesmo assim o infinito parece natural, viver para sempre parece um conceito natural. Provavelmente a explicação é que a consciência também é um fenômeno transcendental, ele é um fenômeno que mesmo construído através da realidade, transcende a realidade anterior à sua existência.

[**Transcendência Temporal**] É quando expressamos um conceito transcendental através do limite de um processo infinito.

O infinito dos números inteiros é um conceito de transcendência temporal. Porém essa não é a única forma de criar novos conceitos através de saltos. Podemos criar novos conceitos pela interação de outros conceitos.

[**Transcendência Espacial**] É quando expressamos um conceito transcendental como a formação de uma nova identidade, intermediária e resultante da interação das identidades de sua estrutura.

A ideia de definir um conceito através da transcendência espacial vem da ideia de que duas entidades distintas, interagindo de maneira harmônica e estável, se comporta como uma nova entidade no sistema, e tal nova entidade possui propriedades emergentes, ou seja, propriedades que ambas as entidades separadamente não teriam.

O que é ter consciência de um objeto? Imagine uma caneca de café, a sua caneca de café, que pode ter sido dado a você por um ente querido, pode ter alguma mensagem engraçada, você tem um conceito de sua xícara de café em sua mente, você sabe o formato, você sabe para que serve, você conseguiria imaginar e fazer simulações em sua mente, você poderia descrever suas características, você tem consciência deste objeto.

Vamos usar o molde da dialética para modelar a consciência de um objeto. A dialética topológica pode ser considerado a segunda base dialética mais fundamental, que vê uma entidade modelada através da

dialética topológica aplicando o conceito de tempo. Na trialética topológica analisamos o fluxo da informação, vindo do exterior, entrando em um objeto, sendo transformado dentro deste objeto e depois retornando uma resposta do objeto para o exterior. (Percepção, Processamento, Resposta) que é a trialética topológica e (Forma, Conteúdo) que é a dialética topológica são as ferramentas de modelagem dialética das noções de tempo e espaço.

Consciência (Humana) < (Emoção, Intelecto, Vontade) ~ Trialética Topológica

A consciência humana pode ser descrita através da trialética topológica como as faculdades da Emoção, do Intelecto e da Vontade, tais faculdades estão associados aos desejos de sentir, entender e fazer. Chamamos essa trinca (Emoção, Intelecto, Vontade) de trialética humana, ou trialética da consciência. A consciência de um objeto pode ser facilmente organizado usando a trialética humana.

Consciência (Objeto) < (Reconhecer, Caracterizar, Imaginar) ~ Trialética Humana

Reconhecer um objeto é sentir o objeto através de parte das informações, é sentir o todo pela parte, é distinguir o objeto dos demais objetos. Caracterizar um objeto é conseguir listar informações sobre o objeto, suas propriedades, definir. Imaginar é você conseguir fazer uma simulação do objeto em sua mente, é a capacidade de fazer previsões sobre o objeto.

[**Consciência de Conceito**] É quando adquirimos as faculdades de reconhecer, caracterizar e utilizar o conceito para fazer previsões.

Dizemos que entendemos um conceito se conseguimos de maneira satisfatória, reconhecer, caracterizar e utilizar o conceito. Isso responde uma das perguntas abertas anteriormente.

O que é ignorância? Ignorância é pelo seu significado original não saber (Ig-Gnose). Usando a projeção dialética (aplicação de uma base dialética), não saber um conceito é não ter (ou ter de maneira insatisfatória) consciência de um conceito e portanto não ter (ou ter de maneira insatisfatória) as faculdades de reconhecer, caracterizar e utilizar em raciocínios.

Ignorância × Consciência

Ignorância × (Reconhecer, Caracterizar, Utilizar)

Neste sentido, ser ignorante é uma fatalidade da condição humana, não temos vida eterna e a medida que envelhecemos a nossa capacidade de assimilar novas informações fica cada vez mais prejudicada, sempre existirá um conceito em algum campo do conhecimento humano do qual nossa capacidade de reconhecer, caracterizar e utilizar sejam insatisfatórios, senão ausentes.

A estratégia da humanidade para enfrentar a ignorância é uma estratégia coletiva de dividir para conquistar, cada grupo se especializa em algum conhecimento e compartilha o suficiente para que as pessoas que precisem e têm menor consciência consigam se conectar com as pessoas que tem maior habilidade. Esse conhecimento compartilhado precisa ser apenas o suficiente para que as pessoas tenham consciência de sua utilidade. Falhar nessa estratégia de consciência coletiva parece ser o verdadeiro problema.

Valor × Conteúdo

(Valor, Conteúdo) ~ Dialética Topológica

Do ponto de vista desta estratégia coletiva podemos formar através da dialética de contraste duas formas de ignorância, vamos chamar a ignorância de conteúdo (que é a ignorância de reconhecer, caracterizar e utilizar) e a ignorância de valor (que é a ignorância coletiva de saber sua utilidade). A ignorância de conteúdo é inevitável, portanto a humanidade precisa atacar a ignorância de valor, pois esta pode ser minimizada através de ensino básico, divulgação, propaganda, debate e etc.

Nessa estratégia de encapsular os diferentes conhecimentos através da utilidade, geramos um artefato imediato, o argumento é que nós não podemos verdadeiramente avaliar o valor de algo se não temos consciência dele, ou melhor, se temos consciência de algo podemos avaliar o seu verdadeiro valor. Boa parte do tempo precisamos confiar no julgamento de valor de outra pessoa, e isso não é uma tarefa simples. Por vezes as pessoas que tem consciência de um determinado campo do conhecimento, tem de maneira apaixonada, tendem a valorizar demais e de maneira subjetiva, sem atentar ao valor que terá para o outro. Outro problema que pode acontecer é a má-fé, propaganda enganosa, que diz que algo tem valor, quando na verdade não tem. Portanto o desafio de superar a ignorância, mesmo que de maneira coletiva, não é um desafio simples.

Mas vamos supor que sempre existam pessoas dispostas a demonstrar de maneira racional qualquer questão de qualquer área do conhecimento, não somente pessoas que sabem, mas pessoas que possam explicar a razão do valor de algo, sendo capaz de explicar apenas com a profundidade necessária para esse tipo de consciência. Nesse caso ideal, a ignorância de valor pode ser superada a medida que existir demanda. O que mais pode dar errado? A pessoa pode não querer ou pode não ter a capacidade mínima para entender.

Umas das teses que vem com a base dialética é que os componentes da dialética interagem entre si de maneira a se reforçar, por exemplo, na consciência de um conceito, saber caracterizar um conceito ajuda na capacidade de reconhecer e utilizar, saber reconhecer ajuda na capacidade de utilizar e de investigar outras propriedades, ao utilizar nosso cérebro entende que é importante e portanto ajuda na fixação, portanto tais faculdades se reforçam. No caso da ignorância de valor, não valorizar um conhecimento, não querer entender e não conseguir entender parecem se reforçar entre si. Quando não valorizamos, tendemos a não querer nos aprofundar, ao não quereremos nos aprofundar acabamos tendo poucos recursos para verdadeiramente entender, por não entendermos acabamos por não dar valor.

(Não Querer, Não Conseguir, Não Valorizar) ~ Dialética

Dentro da modelagem dialética, denomino de um problema existencial, problemas que se decompõem em uma base dialética, a ideia é que um problema existencial possui maior estabilidade que cada problema em separado, pois cada componente se reforça. Problemas deste tipo possuem vantagem para pessoas à eles ignorantes, tais problemas precisam ser enfrentados por estratégias, ser adepto de uma filosofia que estude e cultive virtudes capazes de enfrentar tais problemas acabam sendo uma necessidade. Humildade, Esforço, Disciplina, Perseverança, Paciência são algumas das virtudes que podem ajudar a enfrentar tanto a ignorância em relação ao indivíduo como a ignorância coletiva. Arrogância, Preguiça, Mediocridade, que são as anti-virtudes, vão colaborar para a ignorância como indivíduo e como sociedade.

A ignorância como um conjunto de posturas que prejudica a consciência coletiva da sociedade é muito mais preocupante e profundo do que somente não saber. A postura do ignorante, neste sentido, é similar a postura de uma pessoa arrogante, ambos consideram que a ideia do outro não é importante, e ambos terminam por prejudicar a consciência coletiva.

A ignorância talvez seja um dos principais desafios da humanidade, pois ela não se supera apenas com o avanço da cultura humana, ela requer também a comunicação de cada parte, e a formulação de simplificações que sejam suficientes para a consciência de valor, porém sucintos e otimizados para que como um todo não haja desperdício de tempo. Essa questão se soma ainda a outros males da humanidade, pois pessoas ruins podem promover através da ignorância a disseminação de narrativas falsas, de informações falsas, de instabilidade e desconfiança.

Existe uma relação existencial da ignorância em relação a outros problemas? A corrupção, que pode ser definida como o desvio de propósito de um sistema para benefício particular, se beneficia da ignorância. A criação de sistemas falhos, a ingenuidade e a mentira permitem que o corrupto se mantenha e aumente seu poder. O corrupto se beneficia da ignorância e assim a promove, portanto a Corrupção e a Ignorância se reforçam. Essa ignorância não se limita a ignorância do sistema político, ou a narrativas falsas e demagogia, por exemplo, grupos podem promover teses pseudo-científicas explorando a ignorância com relação a ciência

para vender livros, remédios falsos e etc.

Uma vez existindo, a corrupção tem poder, e o poder é umas das fontes da perversão humana. Mas o que é perversão? Perversão pode ser definido como a corrupção dos valores (desvio dos valores morais) para satisfação de desejos pessoais. A Perversão é a fonte da Corrupção e a Corrupção satisfaz a Perversão. A Perversão forma junto com a Corrupção e a Ignorância uma triálética.

$$(\text{Perversão, Ignorância, Corrupção}) \sim (\text{Emoção, Intelecto, Vontade})$$

$$\text{Mal} < (\text{Perversão, Ignorância, Corrupção}) \sim (\text{Emoção, Intelecto, Vontade})$$

Nesta perspectiva, o mal não se contrapõe a infelicidade, mas à noção de uma felicidade coletiva, algumas pessoas satisfazem seus desejos às custas da infelicidade de outras. A perversão tem relação com a triálética dos desejos (Querer, Dever, Poder) em que a análise do certo e errado suprimem a noção de dever e o poder de realizar seduzem a consciência levando a pessoa a realizar seus desejos ruins.

Para aprofundar a análise da maldade do ponto de vista do intelecto vou definir certos padrões de comportamento que vou designar como arquétipos.

Arquétipo [Ignorante]

Aquele cuja falta de conhecimento (Intelecto) prejudica sua consciência de valor (Emoção)

Arquétipo [Narcisista]

Aquele cujo sentimento de superioridade (Emoção) prejudica aceitar a verdade (Intelecto)

Arquétipo [Arrogante]

Aquele cujo conhecimento anterior (Intelecto) prejudica o desejo de aprender (Vontade)

Arquétipo [Perverso]

Aquele cujos desejos (Vontade) suprimem a consciência de certo e errado (Intelecto)

Estes arquétipos (que neste caso podemos considerar padrões de comportamento) foram derivados dos possíveis conflitos entre os componentes da triálética da consciência (Emoção, Intelecto, Vontade) com relação direta ao intelecto. Uma das teses que vem junto com a triálética é de que os três componentes representam uma existência e os três componentes agem de maneira a se reforçar entre si, assim cada faculdade da consciência (Emoção, Intelecto, Vontade) deveria de interagir de maneira harmônica, a interação conflituosa entre estas três faculdades representaria uma consciência inferior e os arquétipos são moldados em cima desta tese.

A modelagem triálética parece induzir a tese de que o mal surge da interação conflituosa entre os componentes da triálética, podemos ver isso no desejo perverso e nos arquétipos descritos acima. Um outro exemplo que podemos dar é a perversão sexual, vamos considerar três tipos de beleza, um para cada componente da triálética, a primeira forma é a atração espiritual, a atração em relação aos valores e virtudes de uma pessoa, a segunda é a sedução, a beleza que instiga a curiosidade em relação a forma da pessoa, e a terceira é a atração do vulgar, que em si não pode ser considerado beleza, mas a beleza do contraste, em que aquilo que é vulgar entra em contraste e permite enxergar as outras formas de beleza. Em um relacionamento saudável estas três atrações estarão presentes, cada um satisfazendo uma das faculdades da consciência, o espiritual satisfazendo a emoção, a sedução satisfazendo o intelecto e o vulgar satisfazendo os desejos da vontade. Quando não há atração pelo espírito, ou seja, quando não há amor genuíno, apenas a sedução e o vulgar se comunicam, a única fonte de suporte para o vulgar é o componente intelectual, e o componente intelectual é alimentado pelo novo, então a perversão sexual forma um curto circuito, em vez de completar o ciclo passando por cada componente da triálética, apenas dois componentes são satisfeitos

(Intelecto, Vontade).

Apesar destas conclusões, a modelagem dialética não tem caráter demonstrativo, mas especulativo, não cabe a modelagem demonstrar, porém tais hipóteses surgem naturalmente pela busca de padrões que é da natureza do intelecto, assim a tese dialética apesar de parecer formular a maldade como uma deficiência de um dos componentes da dialética (uma deficiência de uma das faculdades da consciência e portanto da consciência em si) essa conclusão é uma questão aberta.

Verdade \sim (Realidade \times Imaginação)

A lógica requer a consciência do conceito de verdade. O que é verdade? Verdade é um conceito que vem naturalmente através da previsão, confrontando uma situação imaginária com a situação correspondente da realidade, que pode ser temporal ou espacial. Uma previsão temporal é uma previsão de um tempo futuro, que vai acontecer, se assumirmos a existência de fenômenos aleatórios então sua natureza nem sempre será determinística. A previsão espacial se contrapõe a previsão temporal, ela se refere ao tempo presente, de algo que já aconteceu ou está acontecendo simultaneamente ao sujeito, a sua natureza é determinística (pois já aconteceu ou está acontecendo).

Verdadeiro \times Falso

Suponha que você tenha um copo com um líquido transparente, nele pode conter água, água com açúcar ou água com sal. Suponha a sentença (Neste copo temos água com sal), esta sentença se refere ao tempo presente e pode ser verdadeira ou falsa (de maneira excludente, somente verdadeira ou somente falsa), podemos verificar se ele de fato está salgado provando e por isso chamamos de previsão. Agora se temos a sentença (Este copo terá água com sal), essa sentença se refere a um tempo futuro, e não podemos avaliar se ela é verdadeira ou falsa, pois os eventos simultâneos que podem interferir no seu valor não estão determinados, por exemplo, alguém poderia colocar sal na água, alguém poderia esvaziar o conteúdo e colocar novamente água com qualquer coisa dentro.

A lógica não consegue tratar de sentenças não determinísticas, a não ser com o artifício da teoria das probabilidades (que não será tratado aqui), portanto a lógica se limita a avaliar somente sentenças que estão determinadas e podem assumir somente um dos valores (verdadeiro ou falso).

[**Sentença**] É uma expressão em uma linguagem de uma previsão sobre um sistema que pode ser somente verdadeiro ou somente falso.

Previsão $<$ Sentença \sim Linguagem

(Sentença, Previsão) \sim (Forma, Conteúdo)

Uma sentença, como previsão, pode ser demonstrada, avaliando seu valor. Vou considerar duas formas de avaliar o valor de uma sentença. O valor empírico, que é o valor avaliado diretamente através da realidade (Você está em um quarto fechado, podemos avaliar se está de dia ou de noite saindo do quarto). O valor analítico é obtido através da lógica, da linguagem, e geralmente depende de propriedades assumidas como verdade de sentenças anteriores.

Analítico \times Empírico

(Matemática, Ciência) \sim (Analítico, Empírico)

[**Conjunção**] Uma sentença é uma conjunção de sentenças se ela é formada pela junção de duas ou mais sentenças, de forma que tal sentença é verdadeira se todas as sentenças que a compõe são verdadeiras. Caso pelo menos uma das sentenças componentes seja falsa então a sentença é falsa.

Conjunção é uma sentença derivada das sentenças anteriores e representa o conceito de simultaneidade, duas previsões estão ocorrendo ao mesmo tempo no sistema. Simbolicamente representamos conjunção com o operador \wedge , por exemplo a conjunção das sentenças A e B é representado por $A \wedge B$.

[**Disjunção**] Uma sentença é uma disjunção de sentenças se ela é formada pela junção de duas ou mais sentenças, de forma que tal sentença é verdadeira se pelo menos uma das sentenças que a compõe é verdadeira. Caso todas sejam falsas então a sentença é falsa.

Disjunção é uma sentença derivada das sentenças anteriores e representa a possibilidade, cenários possíveis. Simbolicamente representamos a disjunção com o operador \vee , por exemplo a disjunção de A e B é representado por $A \vee B$.

$$(e, ou) \sim (\wedge, \vee) \sim (\text{Simultaneidade}, \text{Possibilidade})$$

[**Negação**] Negação é uma sentença formada pela negação de outra sentença.

A negação pode ser expressa simbolicamente pelo operador \neg , por exemplo, $\neg A$ é verdadeiro se e somente se A é falso. Com estes três operadores você pode construir a lógica proposicional que trata da lógica de sentenças derivadas destes operadores.

Não iremos fazer uma digressão aprofundada sobre a lógica formal, não é o propósito deste texto, apenas vamos nos ater a alguns conceitos importantes.

[**Tautologia**] É uma sentença derivada construída através de operadores lógicos que possui a propriedade de ser sempre verdadeira para quaisquer valores das sentenças componentes.

Para verificar tautologias criadas através destes três operadores usamos o cálculo booleano, em que avaliamos o valor de uma sentença derivada através dos valores de cada operador e a operação de associação.

[**Cálculo Booleano**] Considerando 1 como valor verdadeiro e 0 como falso:

$$(\neg 1) = 0$$

$$(\neg 0) = 1$$

$$(1 \wedge 1) = 1$$

$$(1 \wedge 0) = (0 \wedge 1) = (0 \wedge 0) = 0$$

$$(0 \vee 0) = 0$$

$$(0 \vee 1) = (1 \vee 0) = (1 \vee 1) = 1$$

Os parênteses indicam a precedência do cálculo, expressões entre parêntese são calculadas antes das expressões que estão fora.

O operador \neg precede os operadores \wedge e \vee . Por exemplo $(\neg A \vee B)$ equivale a $((\neg A) \vee B)$

Tautologias são interessantes pois elas são verdadeiras, independente do assunto a que está sendo tratado, então se configura como propriedades inerentes da lógica e não particulares de um determinado assunto.

$$\neg(P \wedge Q) = \neg P \vee \neg Q$$

A fórmula acima é uma tautologia, para verificar basta substituir os quatro valores possíveis de (P, Q) e calcular usando a aritmética booleana. Se os cálculos tiverem corretos vamos observar que sempre obtemos uma igualdade. Essa propriedade mostra como estes três operadores fundamentais são simétricos.

Raciocínio Formal \times Raciocínio Informal

Quando usamos o cálculo da aritmética booleana, vemos que é um processo mecânico e bem determinado, diferente de uma indução ou uma modelagem, que pode depender da maneira como a pessoa pensa, essa mecanização obtida pelo cálculo é uma estratégia que permite conferir cada etapa. Esse tipo de raciocínio, que utiliza operadores, fórmulas, símbolos, de maneira que as etapas pareçam um processo mecânico e bem

determinado é chamado de raciocínio formal (que pode vir de forma, ou fórmula). O raciocínio formal opera pelas regras da linguagem utilizada, em contraste com o raciocínio informal, que opera diretamente na mente (nas ideias, na imaginação) sendo apenas traduzido para uma linguagem.

Objetivo \times Subjetivo

O raciocínio informal, que opera diretamente na mente, tem natureza fluida, é subjetivo, dependente de como a mente de origem funciona. A formalização é uma estratégia da filosofia analítica de objetificar o raciocínio, reduzindo a dependência do sujeito.

Estrutura [Raciocínio Formal]

[**Premissas**] É uma coleção de sentenças assumidas como verdadeiras.

[**Razão**] É uma sequência ordenada finita de sentenças. Uma razão é válida, ou verdadeira, se cada etapa segue as regras de inferências estabelecidas, caso contrário dizemos que é uma razão inconsistente, falsa ou inválida.

[**Inferências**] É uma coleção de regras que permitem a extensão válida da razão.

Inferência [Adição de Premissa]

Qualquer sentença da coleção de premissas pode ser adicionado à razão.

Inferência [Repetição]

Qualquer sentença adicionada anteriormente à razão pode ser adicionada novamente.

Inferências são instruções para a entidade que está operando o raciocínio, não faz sentido expressar como sentenças dentro das premissas. Algumas inferências vem naturalmente da definição de determinados operadores utilizados para construir sentenças, por exemplo, o operador de igualdade $X = Y$ vem equipado com a inferência de substituição, caso encontremos um Y em uma fórmula Q , que denotamos por $Q(Y)$, podemos adicionar na razão a fórmula $Q(X)$ com cada ocorrência de Y substituído por X . Para simplificar a discussão vamos omitir a menção da maioria destas inferências.

A notação $P \implies Q$ que é lida como P implica em Q é uma sentença que diz que sempre que P for verdadeiro então Q também é verdadeiro. A inferência induzida por esta sentença é chamada *modus ponens*.

Inferência [Modus Ponens]

Se tivermos P e $P \implies Q$ em uma razão então podemos adicionar Q à razão.

Se obtemos uma outra razão válida com as mesmas premissas incluindo P e chegamos a Q então podemos adicionar $P \implies Q$ à razão.

A sentença $P \implies Q$ junto com suas inferências modela o raciocínio lógico formal, ele representa de maneira simbólica uma etapa de raciocínio e também a abstração de várias etapas de um raciocínio em uma só sentença.

[**Contradição**] Uma razão é inválida ou contraditória se obtemos $P \wedge \neg P$ como verdadeiro.

Para prosseguirmos é necessário mencionar as seguintes inferências, se temos uma sentença $P \wedge Q$ na razão então podemos adicionar P ou Q à razão, se temos P ou Q na razão podemos adicionar $P \wedge Q$ à razão. Caso fizermos um teste de adicionar uma proposição H e obtermos uma contradição dizemos que obtemos um absurdo, que significa que a razão é inválida.

[**Demonstração Dialética**] É uma maneira de estruturar uma razão para demonstração formal de uma proposição. O termo dialética neste sentido se aproxima de dialética socrática. Uma proposição é uma sentença do qual queremos validar, se obtemos uma razão válida que permite adicionar a sentença à

razão então a sentença foi demonstrada. Uma proposição pode ter sub-proposições no corpo de sua razão, estas sub-proposições se demonstradas válidas permitem adicionar as sentenças das sub-proposições à razão principal. Caso uma sub-proposição leve à contradição e caso a sentença precise e somente possa ter um valor dentre verdadeiro e falso (lei do meio excluído) então podemos adicionar a negação da sentença.

- (i) **Demonstração Direta :** É a demonstração de $P \implies Q$ partindo de P e obtendo Q .
- (ii) **Demonstração por Absurdo :** É a demonstração de P obtendo uma razão contraditória caso se assuma $\neg P$

Proposição (1):

$$\Phi(P \implies Q) : \neg Q \implies \neg P$$

Dialética : \rightarrow Demonstração Direta

$\hookrightarrow \Phi(\neg Q \wedge (P \implies Q)) : \neg P ? \rightarrow$ Demonstração por Absurdo

Demonstração :

$\hookrightarrow \Phi(P \implies Q) : \neg Q \implies \neg P ?$
 $\neg Q$
 $P \implies Q$
 $\hookrightarrow \Phi : \neg P ?$
 P
 $P \implies Q$
 Q por *modus ponens*
 $Q \wedge \neg Q$
 por absurdo temos que $\neg P$
 $\neg P$
 $\neg Q \implies \neg P$ ■

Neste exemplo temos $\Phi(\dots)$ denotando as premissas, geralmente omitimos sentenças obtidas anteriormente na razão principal para responder sub-proposições. A dialética é o caminho das ideias, é uma maneira de simplificar a demonstração através da sua encapsulação em proposições e sub-proposições.

Vamos agora considerar $P \iff Q$ como equivalente a $(P \implies Q) \vee (Q \implies P)$, também consideramos $\Phi(A) : B$ equivalente a $A \implies B$ e $\Phi(A) : B \implies C$ equivalente a $\Phi(A \wedge B) : C$. Quando temos a sentença A em uma premissa superior podemos escrever $\Phi(A) : B$ como B .

Proposição (2):

$$(P \implies Q) \iff (\neg P \vee Q)$$

Dialética :

$\hookrightarrow \Phi(P \implies Q) : \neg P \vee Q ? \rightarrow$ Absurdo

$\hookrightarrow \Phi(\neg P \vee Q) : P \implies Q ? \rightarrow$ Demonstração Direta

$\hookrightarrow \Phi(A) : (\neg A \vee B) \implies B ? \rightarrow$ Proposição (1)

$\hookrightarrow \Phi(A) : \neg B \implies (A \wedge \neg B) ? \rightarrow$ Demonstração Direta

Demonstração :

$\hookrightarrow \Phi(P \implies Q) : \neg P \vee Q ?$
suponha por absurdo que $P \wedge \neg Q$
separamos cada sentença
 P

$\neg Q$
 $P \implies Q$ pela premissa
 Q modus ponens
 Ter $\neg Q$ e Q torna a sentença inválida ■

$(P \implies Q) \implies (\neg P \vee Q)$
 $\text{! } \Phi(\neg P \vee Q) : P \implies Q ?$
 P
 $\text{! } \Phi(A) : (\neg A \vee B) \implies B ?$
 $\text{! } \Phi(A) : \neg B \implies (A \wedge \neg B) ?$
 $\neg B$
 A pela premissa
 $(A \wedge \neg B)$ juntando as duas sentenças ■

$\Phi(A) : \neg B \implies (A \wedge \neg B)$
 $\neg B \implies (A \wedge \neg B)$
 $(\neg A \vee B) \implies B$ aplicando a proposição (1) ■

$\Phi(P) : (\neg P \vee Q) \implies Q$
 $P \implies ((\neg P \vee Q) \implies Q)$
 $(\neg P \vee Q) \implies Q$ modus ponens
 Q modus ponens ■

$(\neg P \vee Q) \implies (P \implies Q)$
 $(P \implies Q) \iff (\neg P \vee Q)$ juntando os dois resultados ■

Esta última proposição permite-nos enxergar que se definirmos o operador \implies como um operador booleano, podemos escrevê-lo através dos operadores \neg e \vee , pois $P \implies Q$ terá o mesmo valor de verdade que $\neg P \vee Q$ para quaisquer P e Q sentenças. O operador \implies tem um significado especial na lógica, pois ele representa uma etapa de raciocínio, se considerarmos o raciocínio como um processo ocorrendo no tempo, este operador representa a passagem do tempo, uma previsão condicionada. Ele também representa a abstração, o atalho, conectando uma premissa a uma conclusão, que é o principal ganho de uma teoria analítica. Este significado se perderia ou ficaria obscuro apenas enxergando com os operadores de negação e disjunção.

$(\neg, \wedge, \vee, \implies) \sim (\text{Contraste}, \text{Simultaneidade}, \text{Possibilidade}, \text{Previsão})$

A equivalência entre $(A \implies B) \iff (\neg A \vee B)$ pode não parecer evidente, porém você pode verificar que $(\neg A \vee B) = (\neg A \vee (A \wedge B))$ é uma tautologia booleana. Esta segunda forma torna evidente o significado de $A \implies B$, se temos A falso então não há conclusão do valor de B , caso A seja verdadeiro então temos que B também deve ser verdadeiro. Como resultado conceitual, temos que o conceito de previsão pode ser construído através dos conceitos de contraste, simultaneidade e possibilidade.

A definição particular de razão, feita neste texto como uma sequência de sentenças, representa uma teoria e as possíveis conclusões lógicas advindas das premissas. Também pode representar um teste, um experimento, para checar se uma afirmação é verdadeira ou falsa dentro de uma teoria, o que é o caso da demonstração de proposições e sub-proposições. O escopo maior é a teoria, cujos elementos da razão são as proposições demonstradas verdadeiras (no sentido analítico, elas derivam logicamente das premissas), os escopos menores são as razões utilizadas para demonstrar as proposições.

Você pode criar razões inválidas para demonstrar que uma dada proposição é falsa, mas o que acontece se for admitido proposições falsas dentro de uma teoria? Suponha uma teoria com uma sentença P , porém esta sentença é analiticamente falsa. Seja uma sentença Q qualquer, $P \implies Q$ será sempre verdadeiro, basta observar que em $\neg P \vee Q$ teremos $(\neg 0 \vee Q) = (1 \vee Q) = 1$ para qualquer Q . Se $P \implies Q$ é sempre verdadeiro e P está na razão da teoria, então podemos usar a inferência *modus ponens* para adicionar Q a teoria, e isso para qualquer Q , qualquer sentença. Se podemos adicionar qualquer sentença a uma teoria ela

perde a capacidade de descrever a realidade, pois podemos adicionar qualquer sentença fictícia, incluso suas contradições. A mecânica da lógica não funciona se admitirmos uma proposição analiticamente falsa dentro de uma teoria.

O mesmo é válido se permitirmos contradições dentro de uma teoria lógica. Seja P e $\neg P$ adicionados a razão, então pela inferência natural do operador \wedge temos como adicionar $P \wedge \neg P$. Porém $(P \wedge \neg P) = 0$ para qualquer P , pois é uma tautologia. Como $P \wedge \neg P$ é analiticamente falso e foi adicionado a teoria então qualquer Q pode ser adicionado a teoria, novamente a teoria não consegue descrever a realidade por poder admitir qualquer outra sentença fictícia.

Para a lógica formal funcionar, para uma teoria analítica funcionar corretamente, é necessário que não haja sentenças analiticamente falsas e não haja contradições. Se houver contradições nas premissas, qualquer demonstração será uma razão inválida e qualquer proposição será analiticamente falsa. Porém o que acontece se houver premissas falsas? Uma premissa de uma teoria é considerada verdadeira, porém não é analiticamente verdadeira, não se demonstra uma premissa, se atribui o valor de verdade a ela, quando dizemos que uma premissa é falsa, ela pode ser falsa em um escopo superior a teoria ou analiticamente falsa, se for analiticamente falsa então qualquer sentença é falsa dentro da teoria e qualquer demonstração gera uma razão inválida.

O que acontece se uma premissa for falsa, mas não analiticamente falsa dentro de uma teoria? Essa pergunta é mais complicada, pois estamos avaliando o valor de verdade de uma sentença em escopos diferentes, dentro da teoria, como premissa ela é verdadeira, então as razões são válidas dentro dela. Não sabemos se aliens existem, mas se existissem como eles seriam? Mesmo se for provado que não existem aliens em nenhuma parte do universo, faz sentido você considerar que todas as conclusões sob a forma e o comportamento obtidos assumindo sua existência sejam falsas? Vamos considerar P como a existência de aliens e Q uma conclusão obtida assumindo P , se P é falso imediatamente $P \implies Q$ é verdadeiro ($(P \implies Q) = (\neg P \vee Q) = (0 \vee Q) = (1 \vee Q) = 1$), porém Q não é determinado. Se interpretarmos informalmente, significa que a análise é verdadeira ($P \implies Q$ pode ser interpretado como um resultado analítico), porém não podemos dizer nada sobre a conclusão (Q não tem valor de verdade determinado), na verdade o resultado é mais forte, se P for falso podemos adicionar a sentença $P \implies Q$ mesmo que não exista uma demonstração de P levando a Q , porém não podemos dizer nada com relação a Q . Suponha agora que as proposições dependam do tempo, ou seja, hoje ou daqui a 100 anos não existem aliens, porém daqui a bilhões de anos existam aliens e portanto $P(t)$ se torna verdadeiro para algum tempo t . Nesse caso a lógica procede normalmente, $P \implies Q$ não é automaticamente verdadeiro e podemos adicionar Q a razão caso exista uma demonstração de $P \implies Q$. Essa discussão ajuda a conceituar a diferença que existe para a *Escola Analítica* entre a verdade analítica (a verdade do caminho, a verdade que liga sentenças) do conceito amplo de verdade. Como sùmula, existe diferença entre $P \implies Q$ ser verdadeiro e Q ser verdadeiro.

[**Operador de Sentença**] É um operador que modifica uma sentença transformando em uma nova sentença. Por exemplo, vamos supor o operador \Box e uma sentença P , podemos construir uma sentença $\Box : P$ que significa P operado com \Box .

[**Operador Modal**] Suponha o par de operadores \Box e \Diamond que podem ser aplicados a uma sentença, é dito que eles são operadores modais se eles possuem a propriedade $\neg(\Box : P) = (\Diamond : \neg P)$

Por exemplo, necessário e possível são operadores modais, suponha uma sentença P , a sentença (É necessário que P seja verdadeiro) tem como negação (É possível que P seja falso) que equivale a (É possível que $\neg P$ seja verdadeiro). Para todo e existe são operadores modais, suponha uma sentença que depende de uma variável x , vamos representar como $P(x)$, a negação de (Para todo x temos $P(x)$ verdadeiro) fica como (Existe x tal que $P(x)$ seja falso) que por sua vez equivale a (Existe x tal que $\neg P(x)$ seja verdadeiro). Recorrência e Fatalidade são também operadores modais, vamos supor a sentença (O evento $P(t)$ é recorrente em $t > 0$) que significa que o evento $P(t)$ dependente do tempo t irá eventualmente ser verdadeiro para um $t_0 > t$, a sua negação fica da forma (Existe um tempo t_0 tal que o evento $P(t)$ será sempre falso para todo $t > t_0$) que equivale a (Fatalmente $\neg P(t)$ será verdadeiro para um t_0 tal que $t > t_0$).

[**Conjunto**] Vamos definir $x \in X$ como sendo o operador *pertence*, X neste sentido é chamado de conjunto e $x \in X$ significa que x pertence ao conjunto X .

A teoria de conjuntos pode ficar muito complicada e foge ao escopo deste texto, vamos nos ater apenas a alguns detalhes que serão importantes para a discussão principal assim como feito com a lógica proposicional anteriormente. Quando usamos $P \implies Q$ essa linguagem remete a um processo no tempo, $P \implies Q$ pode ser interpretada como uma etapa de um raciocínio e a inferência *modus ponens* como a execução de um raciocínio. A noção de conjunto remete a intuição espacial, um conjunto é uma coleção de objetos, um conjunto é algo que podemos tirar objetos, analisar se um objeto específico tem certas propriedades e analisar se um objeto com certa propriedade pertence a um conjunto.

[**Conjunto Restrito**] Seja X um conjunto, x um elemento e $P(x)$ uma sentença a cerca de x . O conjunto dos elementos de X tais que P é verdadeiro é representado por $\{x \in X : P(x)\}$.

A teoria de conjuntos é a teoria base para toda matemática, ela formaliza todos os seus campos como teorias axiomáticas usando a lógica formal. Apesar da noção de conjuntos parecer simples e intuitiva, a teoria de conjuntos é uma área da matemática muito extensa e nem tudo é evidente. Uma das ideias que parecem intuitivas é a existência do conjunto de conjuntos. Suponha que exista um conjunto \mathcal{U} cujos elementos sejam todos conjuntos e todo e qualquer conjunto pertence a ele. Podemos mostrar que o conjunto $\{x \in \mathcal{U} : x \notin x\}$ não pode ser construído sem gerar um paradoxo, esse paradoxo é conhecido como *Paradoxo de Russel*. Vamos chamar esse conjunto de Q , em notação denotamos por $Q := \{x \in \mathcal{U} : x \notin x\}$, já que Q é um conjunto então $Q \in \mathcal{U}$ e parece natural fazermos a pergunta se Q pertence a ele mesmo. Suponha que $Q \in Q$, logo Q satisfaz $Q \notin Q$ por ser a condição do conjunto restrito Q , $Q \in Q$ e $Q \notin Q$ é uma contradição. Se $Q \in Q$ não pode ser verdadeiro então a sua negação deve ser verdadeira (assumindo o meio-excluído), portanto $Q \notin Q$, porém $Q \notin Q$ é a condição para pertencer a Q e assim temos $Q \in Q$ novamente gerando a contradição. A teoria de conjuntos resolve este problema considerando que existem construções que não são conjuntos, assim o *conjunto de conjuntos* não é um conjunto e todo conjunto deve ser formado por um conjunto *a priori*, devemos tomar cautela ao escrever $\{x : P(x)\}$ como um conjunto, pois é análogo a $\{x \in \mathcal{U} : P(x)\}$ que sabemos que pode gerar paradoxos.

Quando dizemos que não existe conjunto de conjuntos e que todo conjunto deve advir de um conjunto *a priori*, estamos dizendo que qualquer discussão necessita de um escopo, não podemos discutir sobre coisas que não pertencem àquele universo e também não podemos fazer afirmações e negações genéricas sem que estejamos falando sobre algo que existe e está contido em algum lugar. A negação em teoria de conjuntos toma a forma do conjunto complementar e ela se torna relativa a um conjunto inicial. Por exemplo, seja $A := \{x \in Q : P(x)\}$ e $B := \{x \in Q : \neg P(x)\}$, chamamos B o conjunto complementar de A em relação a Q e denotamos por A^c ou $A^c(Q)$.

[**Conjunto União**] $A \cup B := \{x : x \in A \vee x \in B\}$, chamamos $A \cup B$ o conjunto união entre A e B .

Apesar de termos dito para tomarmos cautela ao escrever $\{x : P(x)\}$, no caso do conjunto união, ele é suportado na forma de um axioma (é assumido como verdade, pesquisar por axiomas de Zermello-Fraenkel), o axioma diz que o conjunto união existe.

[**Conjunto Interseção**] $A \cap B := \{x : x \in A \wedge x \in B\} = \{x \in A : x \in B\} = \{x \in B : x \in A\}$ chamamos $A \cap B$ de conjunto interseção entre os elementos de A e os elementos de B .

Se consideramos $A := \{x \in S : P(x)\}$ e $B := \{x \in S : Q(x)\}$ com S um conjunto então podemos verificar que as fórmulas abaixo são análogas.

$$(A \cap B)^c = A^c \cup B^c$$

$$\neg(P \wedge Q) = \neg P \vee \neg Q$$

[**Operador de Continência**] Denotamos $A \subseteq B$ quando todo elemento de A pertence também a B .

Se $P(x) := (x \in A)$ e $Q(x) := (x \in B)$ e $P \implies Q$ podemos verificar que os operadores (\implies, \subseteq) também análogos comparando as fórmulas:

$$(A \subseteq B) \iff (B^c \subseteq A^c)$$

$$(P \implies Q) \iff (\neg Q \implies \neg P)$$

A teoria de conjuntos $(\cdot^c, \cap, \cup, \subseteq)$ nos dá uma intuição mais espacial enquanto $(\neg, \wedge, \vee, \implies)$ nos dá uma intuição mais temporal (como um processo).

A modelagem conceitual, apesar de termos dito que não tem capacidade de demonstrar algo, é uma forma de raciocínio informal (que se dá diretamente na mente, sendo apenas traduzido para uma linguagem). Quando buscamos uma definição para um conceito, já temos alguma consciência dele, quando tentamos expressá-lo através da linguagem estamos buscando expressar propriedades que sabemos que o conceito possui, suponha um conceito x tal que $x \in Q$ com Q o conjunto dos conceitos, suponha também que saibamos que x satisfaz uma propriedade $p_1(x)$, logo podemos criar um modelo do conceito representando por um conjunto $P_1 := \{q \in Q : p_1(q)\}$, sabemos que o nosso conceito deve satisfazer $x \in P_1$ porém não sabemos se ele é o único. Suponha agora que também saibamos que ele satisfaz $p_2(x)$, então podemos criar um novo conjunto $P_2 := \{q \in P_1 : p_2(q)\}$. Podemos continuar este processo até conseguir uma definição suficientemente razoável.

$$x \in \dots P_3 \subseteq P_2 \subseteq P_1$$

A notação de conjuntos apenas está servindo neste caso para visualizarmos o processo de modelagem como se estivéssemos diminuindo o tamanho dos conjuntos até alcançar um nível suficiente de precisão para representar a ideia. Se obtivermos êxito, em vez de um nome abstrato, teremos propriedades p_1, p_2, \dots que o conceito satisfaz.

Infelizmente a modelagem conceitual precisa ser informal, a lógica formal requer a boa definição, requer a tradução em operadores e propriedades definidas, algo que você não tem *a priori*. Quando se quer modelar um conceito você não tem nada, apenas ideias em sua mente, e tais ideias estão sujeitas ao seu nível de consciência, a seus vícios de raciocínio, aos artefatos e ilusões da mente. A modelagem é justamente a tentativa de traduzir uma ideia em algo formal o suficiente para se poder usar a lógica. A modelagem em si suscita perguntas, pois o processo de modelagem pode ser duvidoso, pode ser subjetivo, você não pode criar um modelo e não fazer a pergunta se aquele modelo, aquela definição é a definição correta.

A matemática é a teoria mais bem sucedida do ponto de vista analítico, utilizando apenas a lógica formal e a teoria de conjuntos a matemática consegue se estabelecer como uma teoria axiomática. Embora seja tentador fazer o uso da lógica formal para responder perguntas da filosofia geral, a maior das perguntas filosóficas começa justamente no processo de modelagem. Criar o conjunto numérico é diferente de questionar sobre o que é verdade, sobre o que é ignorância, sobre o que é consciência. Por que o foco de nossa consciência sobre a matemática é estabelecer suas propriedades, queremos saber se $1 + 1 = 2$ e não que 1 era para ser 1, ou que 0 era para ser um número.

É importante para a *Escola Analítica* diferenciar a lógica utilizada em uma discussão de natureza informal da lógica utilizada em um contexto bem definido, no primeiro caso ela somente pode ousar se propor como um guia, enquanto no segundo ela pode se propor como um método demonstrativo.

Existe verdade absoluta? As melhores questões filosóficas geralmente são as mal-formuladas, pois elas são intrinsecamente ambíguas e levam naturalmente a diferentes caminhos. O que queremos dizer com verdade absoluta? Sabemos que verdade é um conceito que surge com o confronto entre a realidade e a imaginação, a memória e os sentidos atuais, mas o que o modificador absoluto quer dizer? Uma interpretação para seu significado é considerar que a verdade absoluta seja uma verdade atemporal, que não dependa de circunstâncias da realidade, que sempre será verdade. Outra interpretação é que verdade absoluta é uma verdade que precisa ser verdadeira, uma verdade necessária e sem ela qualquer teoria não faria sentido. Outra interpretação é que verdade absoluta é uma verdade que não está sujeita a maneira como obtemos as

informações, que corresponde e nos leva a consciência correta da realidade, livre de artefatos da linguagem utilizada, uma verdade que descreve exatamente algo da realidade.

Verdade Absoluta \sim Verdade Incircunstancial

Verdade Absoluta \sim Verdade Necessária

Verdade Absoluta \sim Verdade Real

A lógica parece conseguir satisfazer uma destas perguntas, a lógica parece ser necessária e negar ela faz com que as teorias não façam sentido. Agora não podemos dizer que a lógica não dependa da maneira como obtemos as informações, ela absolutamente depende da maneira como nossos sentidos evoluíram, ela depende da maneira como a nossa consciência da realidade foi formada, ela depende das noções de tempo e espaço. Quanto a primeira pergunta, esta não tem um escopo bem definido, qual o limite das variações possíveis da realidade estamos considerando, no início do mundo, quando não existia seres vivos, ou em uma realidade paralela, em um outro universo? Nós podemos nos imaginar em circunstâncias fictícias, como no início do mundo ou dentro de um buraco negro, mas isto é simplesmente uma desilusão, podemos dizer que a lógica funciona nestes casos somente porque ela funciona na nossa mente e sem ela a nossa mente não faria sentido.

Vamos considerar a sentença (A Realidade Existe). É uma sentença simples e um bom candidato para uma verdade absoluta. Seria ela incircunstancial? O que seria a não-realidade? Não temos ideia do que seria algo anterior a realidade, talvez seja uma circunstância inacessível, ou intangível à nossa consciência, algo que somente uma consciência divina poderia ter, ou seria uma super-realidade, uma realidade que contém a nossa realidade? A sentença parece ser necessária, porque o esforço intelectual a todo tempo busca aprimorar seus modelos para descrever e prever corretamente esta entidade, porém podemos considerar que nossa realidade é apenas uma ilusão e vivemos em uma simulação tão elaborada que nossa consciência não consegue distinguir e que todo este esforço, por não ser nosso, ele não existe de verdade. A última pergunta é essencialmente tautológica, (A Realidade Existe) é real e não poderia ser outra coisa, pois realidade e real compartilham do mesmo significado, o que torna a resposta um possível artefato da linguagem.

Para que através da linguagem possamos avaliar a sentença (A Realidade Existe) é interessante definirmos os conceitos de realidade e existência. O que é existir? Podemos dizer que algo que não pode interagir com outro, ele existe? Um objeto isolado existe? Podemos diferenciar algo fictício de algo real se o mesmo não conseguir interagir com nenhuma outra existência da realidade? Uma realidade alternativa completamente isolada, poderia existir para uma consciência superior, porém ela não teria capacidade de alterar nada de nossa realidade, nós podemos considerar que algo existe em relação a outro se ele é capaz de interagir com este outro, mesmo que passivamente (como um observador).

[**Existência**]

- (1) Se X pode interagir com Y então ambos existem entre si.
- (2) Se X pode interagir com Y e Y pode interagir com Z então X existe para Z .

Podemos facilmente definir a realidade como a coleção de entidades que coexistem. Ao fazermos isso estamos isolando a realidade, a realidade se torna uma entidade isolada e única e que somente para seus membros existe. Aceitar essa definição torna imediato que a realidade existe, ela existe para todos os seus membros. Negar a sentença não faz muito sentido, pois se a realidade não existir neste sentido então significa que não conseguimos interagir com ela, o que parece absurdo. Porém dizer que a realidade existe pode ter outro significado, a pergunta (A Realidade Existe) pode significar (A Realidade é Verdadeira), ou seja, (A Realidade é como achamos que é?), ou mais, (A Realidade Existe ou Vivemos em uma Simulação?).

Uma das características que a realidade possui é a capacidade de armazenar informação de maneira estável, se deixarmos um copo em cima de uma escrivaninha, sairmos e voltarmos ao local, se ninguém mais mudar de lugar poderemos encontrar o copo da maneira como deixamos. A realidade é diferente de um sonho, quando andamos para um lugar e tentamos voltar ao mesmo lugar e não conseguimos, ou quando em sonho tentamos ler um livro, mudamos de página e retornamos a página anterior e seu conteúdo está

completamente diferente.

Uma forma de definir a realidade é considera-la como este meio que contém informação, que é capaz de armazenar informação e que podemos interagir. Então a pergunta (A Realidade Existe ou Vivemos em uma Simulação?) se torna um pouco mais clara. Este meio verdadeiramente contém e armazena informação? Ou apenas aparenta armazenar informação e é capaz de nos enganar sobre sua verdadeira natureza, seja por conta de nossa capacidade de interação limitada ou por conta de uma ilusão de memória?

Em ambos os casos, negar a sentença (A Realidade Existe) parece um absurdo. Nega-la como existência parece um absurdo tautológico, pela definição que usamos de existência. No caso informacional nega-la parece uma questão de sanidade mental, é como questionar se as pessoas realmente existem ou que você está só e todas as pessoas na verdade são projeções de sua mente.

A realidade é real, mesmo que seja apenas um artefato da linguagem, a realidade é necessária, pois estamos imersos nela e nega-la seria também questionar nossa sanidade. A realidade seria incircunstancial? Poderíamos imaginar uma outra forma de realidade que satisfaça as propriedades de existência e capacidade de armazenar informação? Apesar de nossa consciência estar limitada às noções da realidade e qualquer imaginação estar presa a esta noção, parece ser razoável imaginar que outras *versões* de realidade poderiam satisfazer estas propriedades, pois parecem suficientemente genéricas.

A existência da realidade, ou a necessidade tautológica da existência de algum tipo similar de realidade, parece ser absoluta até para possíveis existências superiores. Se Deus existir provavelmente ele também estaria sujeito a uma realidade, diferente da nossa, porém mantendo características fundamentais, como a de interação, capacidade de armazenar informação e etc. Para dar suporte a esta ideia, basta usar o raciocínio por absurdo, faz sentido que um ser criador seja capaz de criar algo sem que ele possa interagir e sem que as entidades que ele pode interagir sejam capazes de guardar as transformações feitas? O leitor cuidadoso irá perceber que se trata de um raciocínio viciado, pois essa conclusão pode ser apenas devido a nossa consciência depender das experiências da realidade, ou seja, nós como meros humanos, não conseguimos conceber outra alternativa que faça sentido a não ser a de que a realidade exista.

A *Verdade Analítica*, que é a verdade através da lógica, ela sempre depende de premissas, tanto no início quanto no uso da própria lógica, a verdade analítica ela conecta e cria uma relação de dependência entre as sentenças. A *Verdade Empírica* (ou Evidente) é a verdade que obtemos investigando diretamente a realidade (que pode ser considerado a fonte da verdade) através de instrumentos ou com nossos sentidos. A verdade empírica não é somente você observar um fenômeno, pois você estaria sujeito às limitações dos seus sentidos, ilusões e vícios. A ciência é a área do intelecto humano que masterizou a geração de conhecimento através da verdade empírica, usando a medição, ferramentas de matemática, a instrumentalização e a definição precisa do que é um experimento. Porém a ideia abstrata ainda se aplica, você está obtendo uma verdade diretamente da fonte (diretamente da possivelmente necessária verdade absoluta, que é a realidade).

[**Fenômeno**] É uma unidade conceitual de algo que consideramos poder ocorrer na realidade.

Assim como a ideia é uma unidade de um conceito que está presente na mente, um fenômeno é uma entidade genérica de algo que ocorre na realidade, a sua natureza é genérica assim como uma ideia, um conceito, ou o próprio conceito de objeto para facilitar a discussão. O fenômeno é o alvo da *verdade empírica*, queremos responder questões a cerca de um fenômeno.

Explicação < (Fatores, Dinâmica) ~ (Entidades, Relações)

[**Explicação**] Uma explicação é uma expressão de um fenômeno através de uma estrutura.

- (i) **Fator:** Chamamos de fator um componente de uma explicação.
- (ii) **Dinâmica:** Uma explicação é uma expressão de um fenômeno decompondo ele em fatores e explicando como estes fatores interagem para gerar o fenômeno. Chamamos essa interação de dinâmica.

Quando observamos uma pessoa jogar uma bola até a bola cair no chão, nós expressamos este processo como uma interação entre fatores (pessoa, bola, chão, força) e uma dinâmica, a pessoa interage com a bola jogando para alguma direção, a força da gravidade puxa a bola em direção ao chão, a bola interage com o chão e pode voltar algumas vezes até parar. Quando estabelecemos as dinâmicas entre os fatores, podemos reutilizar estes componentes para imaginar outras possibilidades, outros cenários. Representar fenômenos desta maneira é vantajoso, pois aumenta a capacidade de prever a realidade.

É uma das naturezas do intelecto buscar explicações dos fenômenos da realidade, porém a ciência empírica não é meramente encontrar uma explicação através da livre observação. O ser humano pode obter uma boa capacidade de previsão da sua própria realidade através da busca livre por explicações, porém a ciência busca a explicação que melhor se encaixa na realidade, evitando a incorporação entidades fantasiosas.

Quais os problemas podem surgir de explicações sem critério? **Multiplicidade:** podem existir diferentes explicações que não fazem sentido juntas. **Reutilização:** uma explicação pode funcionar para um caso, porém pode falhar em outros casos cujos mesmos fatores estejam presentes. **Fantasia:** uma pessoa pode incorporar entidades fantasiosas, por má-fé, ou por alguma instinto de religiosidade, dentro da explicação. Para contornar estes problemas podemos utilizar dois princípios para formular as explicações. (1) **Simplificação:** Como não existe limite das entidades fictícias que podemos imaginar, buscamos a explicação somente com as entidades necessárias para que o fenômeno faça sentido. Ao buscar o necessário a melhor explicação tende (não necessariamente) em ser a mais simples. (2) **Generalização:** Buscamos formular relações entre fatores e dinâmicas com capacidade para explicar mais fenômenos. Também buscamos explicações comuns para diferentes fenômenos.

Com os critérios de simplificação e generalização podemos conter parcialmente os problemas que surgem das explicações sem critério. Porém estes princípios não são suficientes e não correspondem ainda ao método científico. **Interferência:** mesmo com uma explicação racional ainda podemos ter fatores ocultos ou desconhecidos cuja dinâmica seja determinante para o fenômeno. **Ilusão:** a observação de um fenômeno da realidade pode estar equivocada, fruto de alguma incapacidade ou limitação da percepção humana.

Ao descrevermos um fenômeno através da linguagem, já estamos explicando ele, já estamos criando uma fantasia do fenômeno ao descrevermos através de conceitos, essa descrição está contaminada com a subjetividade de quem a descreveu e não podemos garantir que ela corresponda ao fenômeno em si.

[**Experimento**] Um experimento é uma demonstração que utiliza a própria realidade para reproduzir um fenômeno de maneira controlada. Quando falamos em controle queremos:

- (i) **Definição:** A interação com a realidade é inevitável, um experimento precisa de um procedimento que irá ditar como se dará essa interação para a execução do experimento, isso é importante para que outras pessoas possam reproduzir o mesmo resultado.
- (ii) **Contenção (Interna):** No experimento queremos apenas os fatores que correspondem a explicação que queremos testar. Quando não for possível buscamos minimizar os fatores presentes no experimento.
- (iii) **Contenção (Externa):** Queremos colocar o experimento como uma seção contida da realidade, queremos minimizar os efeitos de outros fenômenos da realidade para que não haja interferência no fenômeno que queremos reproduzir.

Sem uma boa definição, você pode obter resultados diferentes, por conta de uma descrição vaga do procedimento, sem uma boa contenção você pode obter resultados diferentes por interferência de variáveis indesejáveis ou desnecessárias para o fenômeno. A boa definição é uma coisa que é mais fácil obter, porém a contenção pode ser uma qualidade que está sujeito a natureza do fenômeno, a ciência atual utiliza a estatística para contornar os problemas de contenção, porém não pretendo discutir sobre estatística aqui (ciências biológicas é um exemplo de ciência que utiliza a estatística para contornar os problemas de contenção).

A palavra-chave para um bom experimento é sua reprodutibilidade, é desejável que um experimento gere os mesmos resultados, porém mesmo que o experimento seja bem definido, contido e que seja executado com

perícia e cuidado, existe a possibilidade de termos pequenas variações nos resultados. A consistência entre a execução e o resultado é a essência do conceito de reprodutibilidade, um experimento é reprodutível se ele tem um resultado suficientemente consistente.

Uma outra qualidade importante, que talvez seja difícil de satisfazer, é a acessibilidade. A tendência da ciência é cada vez mais depender de tecnologias, pois as mesmas possibilitam medições mais acuradas, ou mesmo novas possibilidades de se observar a realidade. Quanto mais refinado a tecnologia para executar um experimento, mais provável que o custo da execução seja maior, assim como o conhecimento necessário para realizar a execução. Poucas pessoas e poucos grupos podem ter a capacidade de realizar um experimento, e isso torna o experimento inacessível para a maior parte das pessoas. Quando um experimento é inacessível, ou os resultados são incompreensíveis, a pessoa ignorante não tem a capacidade de entender a qualidade da evidência. A evidência neste caso se torna um argumento de autoridade, dependente de uma relação de confiança que pode simplesmente não existir (por exemplo, devido a instabilidade política, ou pressão de grupos religiosos). Portanto, experimentos mais acessíveis (que levem a mesma conclusão) são importantes para evitar a disseminação do que é chamado de pseudo-ciência e teorias conspiratórias.

Apesar da ignorância e da disseminação de teses conspiratórias pseudo-científicas parecer inevitável, boa parte da ciência possui lastro em tecnologia, enquanto não houver tecnologias bem sucedidas e criadas necessariamente por teses pseudo-científicas, as tecnologias acessíveis para as pessoas comuns podem dar suporte a ciência caso as pessoas tenham o mínimo de consciência de como funcionam as mesmas. Quanto maior a ignorância, mas espaços podem ser ocupados por teses conspiratórias, quanto maior a ignorância, mais paranoico a pessoa pode ser. Quanto maior a consciência, menos sentido irá fazer as teses conspiratórias, pois a engenhosidade de um conspirador depende de sua própria consciência sobre o assunto.

A ignorância como padrão de comportamento nocivo à consciência coletiva, ela prejudica fluxo desta entidade (verdade) entre seus membros. Não ter consciência dos métodos analíticos e empíricos torna a pessoa incapaz de diferenciar o que está certo ou errado, o quão certo, duvidoso ou falacioso é uma sentença. A ignorância somado a outros padrões de personalidade ruins, como impaciência, vaidade, arrogância, agressividade, podem levar a auto-destruição das relações sociais e a ruína de uma sociedade. A perversidade, a mentira, o desejo deliberado de enganar para corromper, torna a ignorância um componente fundamental para sua existência.

[**Falácia**] São categorias de argumentos que se apresentam como verdadeiras ou se apresentam como necessariamente verdadeiras, porém não são consistentes com a lógica, ou não são necessariamente verdadeiras.

A falácia é uma maneira de categorizar argumentos utilizados pelos perversos para manipular conclusões a seu favor. Embora as falácias sejam instrumentos dos perversos, ela não necessariamente é somente utilizada de forma deliberada, muitas vezes pessoas ignorantes ou ingênuas formulam maneiras de pensar que se enquadram como falaciosas. Vamos apenas discutir algumas que considero mais atuais.

Falácia [Divinista]

- (1) Se P é extraordinário então P não pode ter sido devido ao homem.
- (2) Se P é extraordinário então P não pode ter ocorrido naturalmente.
- (3) Algo extraordinário deve necessariamente ter como causa algo também extraordinário.

As pirâmides nunca poderiam ter sido construídas pelas civilizações antigas. A humanidade nunca poderia ter inventado o computador, nós aprendemos isso através do estudo de tecnologia alienígena. Um ser vivo nunca poderia surgir através de processos aleatórios ...

As falácias divinistas dão suporte a religiões e a teorias conspiratórias, ambas presentes nos dias atuais, e possivelmente ainda estarão presentes (o que não necessariamente é uma coisa ruim). Assim como qualquer

falácia, o seu poder de convencimento reside na ignorância. Uma pessoa pode ser convencida de que um fenômeno é extraordinário justamente pela falta de consciência do fenômeno, por sua vez a consciência do fenômeno torna o fenômeno compreensível e menos extraordinário.

É preciso se atentar de que o argumento divinista não é necessariamente errado, somente não é necessariamente certo, em outras palavras, o argumento divinista é um argumento mais fraco que um argumento lógico. Vamos supor que você está no meio de uma floresta, supostamente inabitada, se você encontrar uma estátua que aparenta ter sido esculpida por um animal, você poderia concluir (e não estaria necessariamente errado) que a floresta é habitada por algum grupo de ser senciente (como os seres humanos). Nesta suposição você enxergou um fenômeno que dificilmente surgiria devido ao acaso, e concluiu que a sua também não poderia ser o acaso. Se trata de um argumento que não é determinístico, é um argumento que está no domínio do provável.

A falácia divinista é um exemplo de uma falácia que confunde os modificadores (possível, necessário) e o perverso utiliza a subjetividade inerente destes tipos de argumento para fazer a opinião do outro tender a um lado conveniente.

Falácia [de Definição] São falácias que consistem em usar definições particulares, confundir e re-significar definições e usar as conclusões lógicas obtidas destas definições como verdadeiras.

É importante notar que a modelagem conceitual pode gerar definições alternativas, e tais definições podem gerar conclusões diferentes, não necessariamente uma re-significação (modelagem) tem a intenção maliciosa de passar uma mensagem falsa. A modelagem é uma limitação da própria linguagem.

[**Retórica**] Neste texto vou considerar retórica no sentido particular de uma estratégia construída de forma maliciosa para vencer um debate.

A retórica neste texto tem uma conotação ruim, porém a retórica também pode ser considerada como a arte de convencer, a arte do debate, utilizada com o propósito de aperfeiçoar a comunicação.

Retórica [Castelo de Mota] É uma estratégia que explora falácias de definição. Essa estratégia consiste em estabelecer duas teses, uma tese moderada (de fácil aceitação) e uma tese mais radical (de difícil aceitação). A ideia é confundir o significado das duas teses. Sempre que alguém atacar uma das teses a tese moderada é apresentada como defesa (os cavaleiros retornam ao castelo e ficam em uma posição defensiva em suas torres), sempre que for oportuno a tese radical é apresentada (os cavaleiros saem do castelo de maneira ofensiva).

Fascismo é uma ideologia ruim, é uma tese de fácil aceitação, perseguir quem pensa diferente é uma tese radical, ao flexibilizar o termo fascismo para pensamentos que não são a rigor fascistas é uma retórica de castelo de mota. Restringir a liberdade de expressão para grupos extremistas é uma tese de fácil aceitação, dar poder arbitrário para que autoridades possam se blindar de críticas é uma tese inaceitável, a estratégia consiste em usar como defesa a primeira e sempre que for oportuno avançar a segunda. Democracia é algo é importante proteger, portanto uma tese de fácil aceitação, blindar uma autoridade de críticas é uma tese ruim, ao confundir ataque a democracia com críticas a autoridades temos uma estratégia de castelo de mota.

Retórica [Espantalho] É uma retórica que consiste em corrigir uma sentença falsa como se esta tenha sido dita de seu oponente, para apresentar sua própria tese como certa.

A ideia da retórica do espantalho é fazer parecer que o oponente está errado e com isso ganhar confiança de terceiros. A falácia (O ser humano veio dos macacos) é uma falácia disseminada entre os criacionistas a cerca da teoria da evolução, a teoria da evolução diz que o homem e o macaco compartilham um ancestral comum, não que veio diretamente do macaco, os criacionistas fazem parecer que esta tese é absurdo, quando não é essencialmente absurda, somente não é aceita.

Falácia [Falso Dilema] É uma falácia construída pela limitação artificial das opções de uma sentença.

O exemplo mais adequado talvez seja sobre o agnosticismo. Um ateu ou um religioso pode argumentar com a seguinte raciocínio (Deus existe ou Deus não existe, ele não pode existir e não existir ao mesmo tempo, logo ou você deve ser ateu ou deve ser crente em Deus). É razoável que a sentença (Deus existe) pode apenas assumir verdadeiro ou falso, porém ser ateu ou crente é você atribuir um valor para essa sentença, é uma ação, e uma ação não é uma sentença, uma ação não tem que assumir verdadeiro e falso, você pode agir de um jeito, agir de outro, agir de mais de duas opções, ou simplesmente não agir. Ser ateu é atribuir falso para (Deus existe), ser crente é atribuir verdadeiro para (Deus existe), ser agnóstico é não atribuir nada.

A falácia do falso dilema pertence a uma classe mais abrangente de falácias, denominada de falácias formais, que são falácias que exploram conceitos equivocados com relação as leis da lógica formal. Falácias formais geralmente são facilmente identificáveis quando se tem consciência da lógica formal. Para finalizar esta seção iremos listar algumas falácias não comentadas. Exemplos de falácias formais: *Non-Sequitur*, Falácia do Homem Mascarado. Outros exemplos de falácias: Argumento *Ad Hominem*, Argumento de Moderação, Falácia Etimológica, Falácia da Lógica de Chaleira, Falácia de Composição e Divisão.

Nesta última parte irei apenas mostrar uma maneira de compactar o processo criativo de uma discurso analítico compactando o texto de maneira simbólica. Como não é objetivo do texto não irei definir apropriadamente o significado dos operadores, deixando isso a cargo da livre dedução ou de algum trabalho posterior. A *Escola Analítica* é uma escola prática, filosofia para escola analítica é a ação do pensamento e não somente um acervo de pensamentos e pensadores, esta compactação é um exemplo de como começar um processo analítico de modelagem conceitual (utilizado para elaboração deste texto).

Ignorância?
 Ignorância \sim Não Saber
 Ignorância \times Consciência
 Consciência \sim Entender \sim Imaginar, Prever
 Consciência \sim Modelo
 Modelo \sim Catalizador da Consciência
 Modelo \sim Catalizador de Entender
 Modelo \sim Catalizador de Imaginar, Prever
 Consciência \times Mal-Comportamento
 Consciência {Conceito} ?
 Conceito $<$ (Nome, Definição) \sim (Forma, Conteúdo)
 Consciência \sim Entender {Conceito}
 Consciência {Objeto} ?
 Consciência \sim Modelo {Objeto}
 Consciência $<$ (Emoção, Intelecto, Vontade) \sim (Percepção, Processamento, Resposta) {Humana}
 Trialética \sim (Emoção, Intelecto, Vontade)
 Consciência $<$ (Reconhecer, Caracterizar, Imaginar) \sim Trialética {Objeto}
 Consciência $<$ (Reconhecer, Caracterizar, Utilizar) \sim Trialética {Conceito}
 Ignorância \times (Reconhecer, Caracterizar, Utilizar) {Conceito}
 Complexidade \rightarrow Ignorância
 Dividir para Conquistar \rightarrow Complexidade
 Ignorância de Valor \times Ignorância de Conteúdo
 Valor \sim Utilidade
 Conteúdo \sim Profundidade
 Complexidade \rightarrow Ignorância de Conteúdo
 Humanidade \rightarrow Ignorância de Valor
 Ignorância de Conteúdo \rightarrow Consciência de Valor
 Consciência de Conteúdo \rightarrow Consciência de Valor
 Ignorância de Valor \rightarrow Confiança \sim Crença
 Não Valorizar
 (Não Querer, Não Valorizar, Não Conseguir) \sim Trialética
 Consciência Coletiva \sim (Ignorância de Valor, Ignorância de Conteúdo)

Ignorante \sim Arrogante {Consciência Coletiva}
 Avanço \rightarrow Complexidade {Conhecimento}
 Simplificações \rightarrow Complexidade {Conhecimento}
 Ignorância \rightarrow Corrupção \rightarrow Perversidade
 Corrupção \rightarrow Poder
 Poder \rightarrow Corrupção
 Perversão ?
 Perversão \sim Corrupção de Valores
 (Perversão, Ignorância, Corrupção) \sim Trialética
 Mal $<$ (Perversão, Ignorância, Corrupção) \sim Trialética
 Ignorância \sim Mal {Intelecto}
 Mal \sim Felicidade Individual \times Felicidade Coletiva
 Perversão \rightarrow Corrupção
 Perversão \sim Desejos
 Desejos \sim (Querer, Dever, Poder) {Trialética}
 Perversão \sim (Querer,*, Poder) \times (Querer, Dever, Poder)
 Ignorância \times Verdade
 Verdade ?
 Verdade \sim Previsão \sim (Realidade, Imaginação)
 Verdade \sim (Realidade \times Imaginação)
 Imaginação \sim Ficção
 Previsão \sim (Verdadeiro, Falso) \sim (Realidade, Ficção)
 Lógica $<$ (Linguagem, Sentença, Verdade) \sim (Universo, Entidades, Variáveis)
 Sentença ?
 Previsão $<$ Sentença \sim Linguagem
 Sentença \sim Expressão em Linguagem
 Sentença Verdadeira \times Sentença Falsa
 (Sentença, Previsão) \sim (Forma, Conteúdo)
 (Verdade Analítica \times Verdade Empírica) \sim (Lógica, Realidade)
 (Matemática, Ciência) \sim (Verdade Analítica, Verdade Empírica)
 Sentença $<$ (Negação, Conjunção, Disjunção) \sim (Contraste, Simultaneidade, Possibilidade)
 Ideia \times Forma
 Raciocínio Informal \times Raciocínio Formal
 Raciocínio Formal \sim Fórmulas {Linguagem}
 Raciocínio Informal \sim Ideias {Consciência}
 Informal \sim Subjetivo
 Formal \sim Mecanização \sim Objetificação
 (Formal \times Informal) \sim (Objetivo \times Subjetivo)
 Raciocínio Formal $<$ (Razão|Premissas, Inferências) \sim (Processo|Condições Iniciais, Etapas)
 Demonstração Formal \sim Raciocínio Formal
 Previsão \sim (Negação, Conjunção, Disjunção) {Inferência Modus Ponens}
 Previsão \sim (Contraste, Simultaneidade, Possibilidade)
 Contradição \times Raciocínio Formal
 (Complementar, Interseção, União, Contém) \sim (Negação, Conjunção, Disjunção, Implica) { Teoria de Conjuntos, Lógica Proposicional }
 Modelagem \times Raciocínio Formal
 Modelagem \sim Formalização \sim Raciocínio Informal
 Verdade Absoluta?
 Absoluto?
 Verdade Absoluta $<$ Verdade (Incircunstancial, Necessária, Real)
 Lógica \sim Verdade Absoluta
 Realidade \sim Necessária, Real
 Realidade \sim Verdade Absoluta
 Realidade ?
 Realidade \sim Existência

Existência \sim (Entidade, Interação)
 Realidade \sim (Entidade, Interação)
 Realidade \sim Informação
 Realidade \times Sonho
 Realidade \sim Capacidade de Armazenar Informação
 Verdade Empírica \sim Realidade
 (Realidade, Fenômeno) \sim (Consciência, Ideia) \sim (Universo, Unidade)
 Fenômeno ?
 Fenômeno \sim Explicação
 Fenômeno $<$ (Fatores, Dinâmica) \sim (Entidades, Relações) { Explicação }
 Livre \times Princípios { Explicação }
 Problemas da Explicação Livre $<$ (Multiplicidade, Reutilização, Fantasia)
 Princípios $<$ (Simplificação, Generalização) \rightarrow (Multiplicidade, Reutilização, Fantasia)
 Problemas da Explicação Puramente Analítica $<$ (Interferência, Ilusão)
 Experimento \sim Demonstração Real \times Demonstração Analítica
 Experimento \sim Seção Controlada da Realidade
 Experimento \sim (Definição, Contenção (Interna, Externa))
 Experimento \sim (Reprodutibilidade, Acessibilidade)
 Inacessibilidade \rightarrow Experimento \rightarrow Verdade Empírica
 Inacessibilidade \rightarrow Ignorância \rightarrow Pseudo-ciência
 Tecnologia \sim (Ciência \times Pseudo-Ciência)
 Tecnologia \rightarrow Ciência
 Pseudo-Ciência \rightarrow Tecnologia
 Ignorância \rightarrow Circulação da Verdade
 Ignorância $<$ Falácia \sim Mal
 Falácia \sim (Necessidade \times Possibilidade)
 Falácia \sim Definição
 Estratégia $<$ Retórica { Falácia }

Apesar de no presente momento eu me considerar agnóstico, pois pessoalmente não faz sentido atribuir verdadeiro ou falso a sentenças com entidades metafísicas (no sentido de não serem testáveis), seria talvez um tempo oportuno para que teorias mais racionais a cerca da espiritualidade surgissem para que exista um candidato que satisfaça a escola analítica para a dialética da verdade.

Verdade $<$ (*, Matemática, Ciência) \sim (Revelação, Linguagem, Realidade)

Talvez o melhor candidato fosse o espiritismo (apesar dos muitos problemas envolvendo falsas experiências, ele ainda seria uma proposta mais racional) ou o budismo, porém eu não considero nenhuma religião cármica como correta. Pessoalmente não acredito que o inferno na terra seja o caminho para evolução espiritual, também não considero que espíritos ruins possam reincarnar como humanos, e que se houvesse reencarnação, que alguns humanos não deveriam reincarnar como humanos novamente.

O que acredito é que o mundo espiritual age no mundo físico através do aleatório e se conecta com um corpo específico através da informação, pois é da natureza do espírito escolher e escolher é transformar o caos da possibilidade no determinismo de uma escolha, então essa junção entre o caos e o determinismo forma essa nova entidade responsável pelo fenômeno da consciência como sentimos (nós sentimos que temos escolha, e não que assistimos as nossas vidas como se estivéssemos em um filme). Ao agir no aleatório o mundo espiritual não viola nenhuma lei física, seria como se o aleatório fosse a falha do sistema da realidade (Note que não teríamos nenhum problema entre a teoria da evolução e o criacionismo).

Porém considero o mundo espiritual uma fonte suja, contaminada pelo ego, inveja, narcisismo, e por sentimentos inferiores, portanto uma fonte não confiável. Talvez o sucesso da racionalidade somente tenha sido possível por conta da religião mais popular (Cristianismo) ser uma religião que reprimiu esse contato (Adivinhações, Falar com os mortos) para que posteriormente a racionalidade surgisse (mesmo que com muita dificuldade) através do progresso tecnológico da ciência.